



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talheta-Lisboa • Telefone 5339 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

CARTA DE MADRID

Não há nada na capital

(Do nosso correspondente especial)

MADRID, II.

Ante os crimes e perseguições que se cometem contra os militantes da organização sindicalista da província, aqui, na capital dos milagres e dos parasitas do Estado, nada se passa, absolutamente nada. Não se passa nada que dé a sensação de que existe uma vida operária sensível aos actos deprimentes dum governo que quer acabar com os trabalhadores conscientes.

Nem um protesto, nem uma palavra de condenação sai do coração da organização madrileña; parece que se desconhece o que se passa no resto da nação, não encontrando motivo para levantar a voz indignadamente ante os assassinatos cometidos contra os trabalhadores de Barcelona, Valência, Sevilha e outras cidades.

E' bem certo que as associações operárias da capital não estão identificadas com os princípios de solidariedade e de sacrifício, bases de todo o sentimento orgânico e humano.

Essas associações partidárias da luta de classes não se solidarizam com aqueles irmãos que não pertencem ao mesmo organismo. A maioria das associações operárias de Madrid pertence à União Geral dos Trabalhadores, cujos partidários enaltecem as suas qualidades e métodos de luta, que na verdade não entusiasmam os trabalhadores, convencidos do que são os socialistas, entregues mais à ação política que às lutas económicas.

Um organismo que se recusa a fazer greve de solidariedade com os trabalhadores perseguidos não tem o direito de monopolizar o título de lutador, porque se de algo se pode vangloriar é de cobardia, de fraqueza. Neste momento trágico em que caem trabalhadores assassinados pelo inimigo comum, não se pode assumir atitudes dúbihias.

Não deviam ser tam conservadores dum princípio arcaico, retrógrado, visto que só se pode salvar a organização indo para uma ação puramente revolucionária. E que não digam que não existem motivos para se entrar numa luta decisiva, quando as prisões estão cheias de companheiros que lutam pelo bem-estar de toda a espécie humana e os novos servos do Estado continuam inventando planos terríficantes de sindicalistas.

Essa União devia mostrar que sente os atropelos, perseguições, deportações e os crimes que se praticam, contra os trabalhadores. Estes delitos obrigan o operário a organizar-se e a defender-se do capital indígo.

A atividade da União não devia ser tam passiva, tam mansa, tam cobarde. Editar um manifesto como o que ultimamente apareceu é indigno de homens que se dizem defensores dos trabalhadores. Além de se caluniar, desfazem os métodos de combate e descobrem os planos que dizem que iriam ser postos em prática e ao mesmo tempo fazem passar a Confederação Nacional do Trabalho por criminosos.

So por acaso os companheiros anarquistas do estrangeiro tiverem ainda alguma confiança nos elementos socialistas e nas associações operárias filiadas nessa União, devem repudiá-la imediatamente, porquanto esses revolucionários (?) não são capazes de uma ação séria, e só pensam em ir ao parlamento fazer o jôgo da burguesia que quer passar por liberal e democrata.

Recortamos alguns parágrafos do manifesto insidiioso que a União fez distribuir:

“Não pretendemos atribuir-nos influência na vida colectiva que excede a nossa real força de organismo nacional. Mas, a nossa condição de representantes da classe trabalhadora, o nosso dever de cidadãos e até a nossa própria dignidade humana nos obriga a não guardar um silêncio que tomaria o carácter de verdadeira cumplicidade ante a conduta de autoridades que aceitam, como procedimento de governo os mais arbitrários, degradantes e bárbaros feitos terroristas.

“Existe um facto inegualável que nos dá a autoridade necessária para dirigir este apelo e formular este protesto. E' o facto de que, tendo sido as nossas organizações vítimas de actos de terrorismo, executados umas vezes em nome de princípios de autoridade, outras em nome de supostos ideais revolucionários dum radicalismo superior ao que nós defendemos, nem por um só momento, no meio das circunstâncias mais difíceis, nos degradámos, aceitando os processos a que nos incitavam com o seu exemplo os nossos maiores inimigos.

“Temos feito mais. Quando a guerra rugiu nos campos da Europa e os governos espanhóis conduziam a nação para um fácil aproveitamento da boa conjuntura económica; quando os governos davam o exemplo desmoralizador da cegueira ante todo o amor aos valores ideais e ante toda a consideração pelos princípios de justiça, entre o clamor dos egoísmos despertos pela perspectiva do saque, lançámos o nosso grito de rebeldia e puzemos todas as nossas forças e dos nossos organismos, forjados com tanto trabalho generoso, ao serviço do país para salvá-lo da ruína que advinhávamos no termo do caminho tomado.”

Para que continuar transcrevendo, se todo o manifesto é cobardia?

Falaram os da União, mas ter-lhes-íamos agradecido se a sua boca não se tivesse aberto.

Para destruir todo este organismo, bem como o Estado burguês, é necessário que todos os revolucionários formem a ala de combate. Não se pode tolerar que tanta imundice continue existindo, quando do que necessitamos, para formar a sociedade futura e livre, é de homens bons, livres e valentes.

E nada mais se passa nesta capital que mereça consideração.

Mário POMMÉRY.

A GREVE

DOS

TRABALHADORES DOS JORNais

O movimento prossegue

Nada há a registar de novo no que diz respeito ao movimento dos camarares dos trabalhadores dos jornais, que mantém o espírito elevado dos primeiros dias, compositores e distribuidores de jornais fraternalmente ligados aos trabalhadores da imprensa, parecendo até que, a medida que os industriais do jornalismo despendem mais esforços no intento do desagregar os grevistas, estes, capacitados de que há de haver o triunfo das suas reclamações precisamente a sua unificação, mais e mais se congregam.

São inanes os ardós a que recorre o patronato, que nem com as baixas campanhas que manda fazer no seu órgão, nem com os boatos adrede espalhados para desaninar os grevistas, logram dividir as forças proletárias voluntariamente reunidas sob a égide da Federação do Livro e do Jornal, o organismo coordenador tanto detestado pelos industriais do jornalismo.

Em breve passará um mês sobre a declaração da greve e figura-se-nos que, se outro ou outros passarem, os industriais do jornalismo não de encontrar-

se face a face com o bloco constituído pelas três associações.

Mais um jornal de grevistas

Aparece hoje um novo diário da tarde

Hoje, pelas 17 horas (5 da tarde) se-rá o público surpreendido com um novo jornal, redigido e composto por um grupo de grevistas.

Este jornal vem fazer uma completa revolução no velho jornalismo português, apresentando-se com um formato completamente inédito, tratando, de uma maneira leve, colorida, oportuna, de todos os assuntos que interessam não só a vida citadina, mas ainda aqueles que por esse mundo foras levantam rumor e despertam interesse.

O seu custo será de dez centavos, o que, a dizer a verdade, não se compõe muito com as possibilidades económicas do operariado, o preço exorbitante das matérias primas, sobre tudo do papel, justifica amplamente.

Os empregados menores dos correios e telegrafos fazem votos ardentes para que os seus camaradas da imprensa levem a bom termo as suas reclamações.

Os classes dos carpinteiros navais e calafates de Lisboa, na sua assembleia plenária, aprovaram uma entusiástica saudação aos trabalhadores dos jornais em luta, saudação extensiva à Imprensa de Lisboa e a quaisquer outros jornais que os grevistas venham a publicar, ao mesmo tempo que deliberaram adotar processos idênticos para com os presos, enxovalhando-os e batendo-lhes como naqueles ominosos tempos... Rádio.

As classes dos carpinteiros navais e calafates de Lisboa, na sua assembleia plenária, aprovaram uma entusiástica saudação aos trabalhadores dos jornais em luta, saudação extensiva à Imprensa de Lisboa e a quaisquer outros jornais que os grevistas venham a publicar, ao mesmo tempo que deliberaram adotar processos idênticos para com os presos, enxovalhando-os e batendo-lhes como naqueles ominosos tempos... Rádio.

De resto, se o sacrifício do público garante ao jornalista a liberdade da sua consciência, somos em crer que é preferível dar um tostão por um jornal honesto

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

CARTA DE MADRID

Não há nada na capital

(Do nosso correspondente especial)

MADRID, II.

Ante os crimes e perseguições que se cometem contra os militantes da organização sindicalista da província, aqui, na capital dos milagres e dos parasitas do Estado, nada se passa, absolutamente nada. Não se passa nada que dé a sensação de que existe uma vida operária sensível aos actos deprimentes dum governo que quer acabar com os trabalhadores conscientes.

Nem um protesto, nem uma palavra de condenação sai do coração da organização madrileña; parece que se desconhece o que se passa no resto da nação, não encontrando motivo para levantar a voz indignadamente ante os assassinatos cometidos contra os trabalhadores de Barcelona, Valência, Sevilha e outras cidades.

E' bem certo que as associações operárias da capital não estão identificadas com os princípios de solidariedade e de sacrifício, bases de todo o sentimento orgânico e humano.

Essas associações partidárias da luta de classes não se solidarizam com aqueles irmãos que não pertencem ao mesmo organismo. A maioria das associações operárias de Madrid pertence à União Geral dos Trabalhadores, cujos partidários enaltecem as suas qualidades e métodos de luta, que na verdade não entusiasmam os trabalhadores, convencidos do que são os socialistas, entregues mais à ação política que às lutas económicas.

Um organismo que se recusa a fazer greve de solidariedade com os trabalhadores perseguidos não tem o direito de monopolizar o título de lutador, porque se de algo se pode vangloriar é de cobardia, de fraqueza. Neste momento trágico em que caem trabalhadores assassinados pelo inimigo comum, não se pode assumir atitudes dúbihias.

Não deviam ser tam conservadores dum princípio arcaico, retrógrado, visto que só se pode salvar a organização indo para uma ação puramente revolucionária. E que não digam que não existem motivos para se entrar numa luta decisiva, quando as prisões estão cheias de companheiros que lutam pelo bem-estar de toda a espécie humana e os novos servos do Estado continuam inventando planos terríficantes de sindicalistas.

Essa União devia mostrar que sente os atropelos, perseguições, deportações e os crimes que se praticam, contra os trabalhadores. Estes delitos obrigan o operário a organizar-se e a defender-se do capital indígo.

A atividade da União não devia ser tam passiva, tam mansa, tam cobarde. Editar um manifesto como o que ultimamente apareceu é indigno de homens que se dizem defensores dos trabalhadores. Além de se caluniar, desfazem os métodos de combate e descobrem os planos que dizem que iriam ser postos em prática e ao mesmo tempo fazem passar a Confederação Nacional do Trabalho por criminosos.

So por acaso os companheiros anarquistas do estrangeiro tiverem ainda alguma confiança nos elementos socialistas e nas associações operárias filiadas nessa União, devem repudiá-la imediatamente, porquanto esses revolucionários (?) não são capazes de uma ação séria, e só pensam em ir ao parlamento fazer o jôgo da burguesia que quer passar por liberal e democrata.

Recortamos alguns parágrafos do manifesto insidioso que a União fez distribuir:

“Não pretendemos atribuir-nos influência na vida colectiva que excede a nossa real força de organismo nacional. Mas, a nossa condição de representantes da classe trabalhadora, o nosso dever de cidadãos e até a nossa própria dignidade humana nos obriga a não guardar um silêncio que tomaria o carácter de verdadeira cumplicidade ante a conduta de autoridades que aceitam, como procedimento de governo os mais arbitrários, degradantes e bárbaros feitos terroristas.

“Existe um facto inegualável que nos dá a autoridade necessária para dirigir este apelo e formular este protesto. E' o facto de que, tendo sido as nossas organizações vítimas de actos de terrorismo, executados umas vezes em nome de princípios de autoridade, outras em nome de supostos ideais revolucionários dum radicalismo superior ao que nós defendemos, nem por um só momento, no meio das circunstâncias mais difíceis, nos degradámos, aceitando os processos a que nos incitavam com o seu exemplo os nossos maiores inimigos.

“Temos feito mais. Quando a guerra rugiu nos campos da Europa e os governos espanhóis conduziam a nação para um fácil aproveitamento da boa conjuntura económica; quando os governos davam o exemplo desmoralizador da cegueira ante todo o amor aos valores ideais e ante toda a consideração pelos princípios de justiça, entre o clamor dos egoísmos despertos pela perspectiva do saque, lançámos o nosso grito de rebeldia e puzemos todas as nossas forças e dos nossos organismos, forjados com tanto trabalho generoso, ao serviço do país para salvá-lo da ruína que advinhávamos no termo do caminho tomado.”

Para que continuar transcrevendo, se todo o manifesto é cobardia?

Falaram os da União, mas ter-lhes-íamos agradecido se a sua boca não se tivesse aberto.

Para destruir todo este organismo, bem como o Estado burguês, é necessário que todos os revolucionários formem a ala de combate. Não se pode tolerar que tanta imundice continue existindo, quando do que necessitamos, para formar a sociedade futura e livre, é de homens bons, livres e valentes.

E nada mais se passa nesta capital que mereça consideração.

Mário POMMÉRY.

EM VOLTA DUMA BUSCA

Os arsenalistas e o sr. Marreiros

No nosso número de ontem tivemos ensejo de contar ao leitor perplexo o que de estranho na véspera se passara na sede da Associação dos Fabricantes de Armas e ofícios acessórios, a Santa Clara, por virtude do assalto all realizado pela polícia, parte daí a segurança do Estado, fértil em tais façanhas, invadiu o edifício em atitude ameaçadora, de pistola em riste, como se propusesse caçar criminosos da pior espécie, para afinal se limitar a produzir um desses fiascos em que também fértil é a mesma polícia, que por mais esforços que realize não encontra maneira airosa de justificar o dinheiro que lambe ao Estado.

Os nossos camaradas arsenalistas, homens que muito presam a sua associação de classe, cuja sede é, como sabem, a mais confortável que a organização operária de Lisboa possui, ante o enxoval de que foram objecto não se quedaram satisfeitos com as desculpas apresentadas, no final da desastrosa diligência, pelos assaltantes. Assim, dirigiu-se ontem uma comissão delegada do sindicato ao director da polícia de segurança do estado, sr. Marreiros, que além de polícia-mor é maior, comissão que se propunha significar-lhe o protesto dos arsenalistas pelo ultrage recebido, ao mesmo tempo que legitimamente pretendia inquirir dos altos motivos a que obedecera a... diligência.

Enviado o cartão ao director da polícia de segurança do Estado, pessoa que os referidos camaradas supunham que conhecesse as mais elementares regras de educação, voltou o contínuo a dizer que s. ex. só recebia um delegado e não três, que tanto eram! E como os nossos amigos, naturalmente descontentados com o polícia expediente, extranham-se a ordem, ouviram que alguém gritava do interior do gabinete: «Pois nem mesmo vem já um, porque não recebe ninguém!». Era o director da polícia que de tal modo se expressava.

Os delegados dos arsenalistas, que nunca foram tratados tam incorrectamente por rudes operários nem por ministros, regressaram convencidos de que afinal o superior da polícia, a respeito de tratar com pessoas educadas, não é mais categorizado de que os seus subordinados que no domingo assaltaram a sua sede de pistola em riste.

E' possível que o sr. Marreiros, que além do mais é maior, estivesse mal humorado em consequência da desastrosa sorte da véspera...

O Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional apresentou junto do Sindicato dos Fabricantes de Armas o seu mais veemente protesto pelo inqualificável por aquele que foi vítima, oferecendo-lhe a sua sincera solidariedade.

EM ESPANHA

A questão agrícola — O conflito da construção civil

MADRID, 14. — Os representantes dos distritos cereais se reúnem no Congresso para combinar os meios de resolver a crise agrícola, motivada pela grande baixa de preços. Também se reúnem os produtores e consumidores para evitar o assentamento de batatas e ovos.

Foram presos 6 gatunos estrangeiros, incluindo um reclamado pelas autoridades de Paris, acusado de assassinato.

O governador de Madrid continua tratando da questão do conflito da construção civil. — Rádio.

Rebentou um petardo junto do Palácio da Justiça

VALENCIA, 14. — Rebentou um petardo junto do Palácio da Justiça, causando grande alarme, mas não havendo danos.

Uma reunião sindicalista surpreendida pela polícia

SANTANDER, 14. — A polícia surpreendeu uma reunião sindicalista, prendendo vários operários e apreendendo muitos documentos. — Rádio.

Circulação fiduciária

O governador da Índia propôs o aumento da circulação fiduciária naquela província.

A Navegação na Guiné

A ARTE E OS ARTISTAS

Um discípulo ingrato

O sr. Varela confessa-se plagiador, mas : não era isso o que ele queria dizer :

O sr. Varela Aldeidra não se conformou com a minha crítica inserida na *Batalha* do sábado passado. Zangou-se, diz que a crítica morde e que «os artistas de convicção sabem melhor do que ninguém o juízo a fazer do seu próprio trabalho, o caminho melhor a seguir, as dificuldades a vencer, os erros a evitar e as contrariedades a sofrer». Creio que o sr. Varela Aldeidra confia demasiado na sua força e naquele talento, excepcional talvez, que não consegui descobrir numa só tela das que no Bobone expôs. Os verdadeiros artistas, sr. Varela, os que possuem um espírito exigente, desconfiam sempre do seu próprio trabalho, não vêem pequenas imperfeições que uma criança pode notar, tam obsecas estão pelo ideal de perfeição. O sr. Varela é dumha tempra especial, inédita; crê-se infantil, está plenamente convencido de ter igualado o mestre, diz que «os admiradores de Columbano, que o julgavam inimitável, ficaram «confundidos entre os trabalhos de um e de outro».

Tud isto, e mais alguma coisa, me diz o sr. Varela Aldeidra numa carta que, acompanhada dos comentários merecidos, não podia ser publicada na íntegra, procurando eu para elucidação do público e satisfação do seu pedido, transcrever aqui os períodos onde precisamente a argumentação do novel pintor despeitado, pouco habituado à franqueza rude, é mais forte, mais contundente.

O sr. Varela não responde à minha crítica, porquanto acha «equilibrada, congruente, segundo a minha maneira de ver». Mas, aproveita a ocasião para, em frases impolíticas, mostrar um rancor extraordinário pelo sr. Columbano, seu mestre, fazendo contra este acusações tremendas, como se vai ver.

Depois de me dizer que, ao contrário do que eu afirmara, desobedecera aos conselhos do mestre, sendo de todos os discípulos o mais «rebeldes» (do que eu confessou duvidar) o sr. Varela apresenta-me este pedacinho de ouro:

...Entre para a sua aula (a de Columbano) esperançado e com um grande ímpeto de trabalho, e logo a sua hora era forte, educativa e transcendente. Ele devia admirar-me e eu compreender os seus pensamentos. Mas, na continuación do estudo, comecei a duvidar da sua pedagogia, porque nos trabalhos a ensinar, coloria e desenhava, que os que passavam pela estufa eram. No seu atelier Columbano era Columbano, embora nunca se deixasse ver pintar; ao ir para a sua dirigi o curso, ele, o artista do *Santo António* e da *Chapada de chá*, disfarçava-se, tomava outra personalidade e expunha todos os seus segredos, e eu, que tudo quanto fazia no atelier, com o pretexto de puxar uma cresta metálica, ou um nariz mais abaixo, escandalizava-me dezenas de estudos com pinceladas falsas que triunfavam tudo quanto do bom produzia aquele que lhe caia nas mãos.

Teria o sr. Varela Aldeidra pensado dois minutos sequer na acusação que deixou escapar da pena? Parece-me impossível que o sr. Varela, sendo, como confessa um temperamento calmo, reflectido, se tivesse deixado arrastar, assim, pela cólera.

Emfim, o sr. Varela pretende:

1.º Provar que Columbano não lhe ensinou nada e se ele, Varela, conseguiu pintar dumha maneira muito semelhante à do mestre, ao seu esforço unicamente deve esse triunfo; e portanto a minha crítica cá, está errada porque a baseei na influência que Columbano exerceu sobre o discípulo, influência que este diz não existir.

2.º Aproveitar-se de mim, das minhas afirmações, da minha crítica, para numa pseudo-resposta desacreditar os discípulos de um homem tido como um dos primeiros pintores portugueses.

Quando o sr. Varela diz:

O orgulho da sua personalidade (de Coimbra), pretendendo ser o único na história, fez dele um artista extraordinário, mas nunca um mestre. Sabem-no todos os que pretendem ser seus discípulos...

não deseja outra cousa senão colorar mal o mestre Columbano aos olhos do público, conseguir que os discípulos de pintura lhe voltem as costas.

Mário DOMINGUES

Comissão Central Pró-presos por questões sociais

Reúniu esta comissão com a presença de delegados dos seguintes sindicatos: Sindicato Único Mobiliário, Sindicato Único da Construção Civil, Manipuladores de Pão, Cortadores, Correiros, União Textil, Sindicato do Arsenal do Exército, Chaufeurs em Portugal, Sindicato Ferroviário da C.P., tendo tomado posse e nomeado secretários os camaradas António Marvão e Torquato Alves Braga, e Marcelino R. Matias, tesoureiro.

Tendo apreciado vários assuntos pendentes, resolvem convidar os Sindicatos não representados a nomearem os seus delegados com a máxima brevidade, afim de se intensificar a propaganda a favor dos camaradas que se encontram a ferros da República.

Todos os donativos e expediente respeitante aos presos, por questões sociais deverão ser dirigidos a esta comissão.

A próxima reunião terá lugar na sexta-feira, pelas 20.12 horas.

Espera esta comissão que o proletariado consciente saiba corresponder ao pão que lhe é dirigido, afim de que que demonstrado que, apesar das violências recrudecerem por parte da burguesia, a solidariedade operária não é um mito.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

2 Núcleo do Porto.—Apela para os militares operários e todos os trabalhadores militares e intelectuais, para fazerem oferentes livros de educação social e profissional.

Acordar, trabalhadores, a este apelo dos vens e assim teres prestado um grande serviço para a educação da grande classe operária.

2 Núcleo de Belém.—Convidam-se a comparecer hoje, neste mês, pelas 21 horas, e camaradas que foram nomeados para a reunião do corrente ano.

Núcleo Construção Civil (Lisboa).—O secretário geral efectuou convida o camarada

para a comparecer a uma reunião convocada na sede, pelas 20 horas.

A BATALHA vende-se em Paris na rua d'Abbeville, 18.

Coliseu dos Recreios

—A'S 21 HORAS

2.ª apresentação dos notáveis equilibristas

LES JARDIS

Os pequeninos acrobatas excentricos

Adriana e Charlote

A maior e mais completa companhia de circo

Extraordinário triunfo

Colossal sucesso

EXITO INCOMPARÁVEL

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.

Reuniu ontem a comissão de auxílio nos presos por questões sociais, vinda de Lisboa, para fazerem oferentes livros de educação social e profissional.

2.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

3.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

4.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

5.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

6.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

7.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

8.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

9.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

10.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

11.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

12.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

13.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

14.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

15.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

16.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

17.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

18.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

19.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

20.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

21.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

22.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

23.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

24.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

25.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

26.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

27.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

28.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

29.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

30.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

31.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

32.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

33.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

34.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

35.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

36.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

37.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

38.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

39.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

40.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

41.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

42.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

43.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

44.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

45.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

46.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

47.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

48.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

49.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

50.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

51.º Encontro dos sindicatos que

tem emigrado para o Brasil.

52.º